



Uma mulher no

geio

A história de uma carioca que foi

passar férias

no Alasca e voltou muitos anos depois



Quando li em um guia de viagens que no norte do Alasca os esquimós ainda caçavam baleias tradicionalmente em pequenos barcos a remo feitos de madeira e cobertos com peles de foca, resolvi ir para lá. Era coordenadora de fotografia da sucursal carioca da Folha de S. Paulo e estava querendo férias diferentes. Fui só, com minhas câmeras e lentes. Era abril de 1996.

No momento em que o avião preparava-se para pousar no aeroporto de

Barrow, procurei a cidade. Só vi um plano branco ensolarado, infinito e vazio. A paisagem era como uma folha de papel. De repente, no meio de tanta neve e mais nada, apareceram casinhas de madeira e a pista. Saltei em um aeroporto pouco maior que meu apartamento.

Nessa vila de 4500 habitantes, no extremo norte do continente americano, 60% da população é esquimó da etnia iñupiaq. O Oceano Ártico fica congelado durante nove meses do ano. No inverno, o sol não aparece por 60 dias. No verão, o dia dura três meses.

Fiquei na casa de uma família esquimó, conhecida de gente que encontrei no Alasca. À noite, em casa, ouvia histó-

rias de minha anfitriã. Ellen Frantz vinha de uma família com muitos irmãos. Quando era menina, não havia água encanada – era obtida com o derretimento de gelo. Para lavar a roupa, sua mãe separava as vestes das meninas e as lavava. Depois, usando a mesma água, cuidava da roupa dos meninos.

Ellen me levou de trenó puxado por snow machine (uma espécie de jet ski para neve) até o gelo do oceano. O céu estava cinza chumbo e certos pedaços de gelo eram surpreendentemente azuis. Quando o ronco do motor parou, só escutávamos o vento.

Chegamos onde estava um de seus irmãos. Ele é capitão de uma equipe de ca-

ça de baleias e membros da equipe quebravam o gelo com picaretas, preparando uma trilha até a beira do mar, onde passam as baleias.

NO DIA SEGUINTE, na cidade, sob uma temperatura de -26°C , foi aberta a Piuraagiaqta, o festival de primavera em que competições são feitas ao ar livre, sobre as águas congeladas da lagoa central, logo antes do início da caçada: corridas, concurso do iglu mais bonito, do carro mais feio, de roupas típicas...

No caminho para lá conheci Kelly, rapaz de Seattle, de cabelos louros encaracolados e olhos azuis, charmoso e simpático. Ele cresceu em Barrow, ado-

tado informalmente pela família esquimó Edwardsen.

Kelly passou a me buscar todas as noites e me levava a um belo passeio. Aproveitando a luz do sol da meia-noite, vimos um veleiro congelado no mar, pegadas de urso polar e, no silêncio do gelo sobre o mar, escutamos baleias respirando.

Voltei para o Brasil e todos os dias recebia uma carta de Kelly. Estava acampado no gelo com seu irmão esquimó, caçando baleias. Certa vez, descreveu um perigoso encontro com um urso polar: Kelly estava na trilha do gelo quando um urso enorme apareceu bem na sua frente. Atirou para o alto, a fim de

espantá-lo. Em vez de fugir, o animal partiu para cima dele. A três braçadas de distância, Kelly teve de matar o urso para se defender. Depois, soube que o animal estava furioso pois já tinha levado outro tiro. Embora destemido, contava que nunca havia sentido tanto medo e tremeu por horas.

Ele me chamou para passar uns tempos com ele. Pensei um pouco e acabei aceitando o convite. Pedi demissão, peguei meu cachorro e fui para lá.

Kelly me recebeu em sua casa de caçador, com tapete de urso polar e cabeça de carneiro da montanha na parede. Quando não estava no trabalho, me levava para passear.



Acompanhei caçadores de morsa até a beirada do gelo da calota polar. Depois de navegarmos 35 quilômetros em direção norte, o oceano foi invadido por pequenos blocos de gelo boiando em uma água que espelhava o céu azul sem vento. Passamos por elaboradas esculturas naturais de gelo branco e azul. Quanto mais ao norte, pedaços maiores apareciam. As morsas ficavam deitadas ali em grupos. Era de partir o coração ver os esquimós apontando as armas para os casais de morsas, mas foi para isso que fomos até lá – eles para caçar e eu para documentar. Por sorte consegui fotografar e os caçadores não mataram nenhuma. Voltamos às 11 da noite, ainda com luz do dia.

DURANTE UM PASSEIO de bicicleta, vi uma coruja branca enorme caçando um roedor da tundra. Ventava muito e quando a encontrei, estava parada no ar, flutuando contra o vento forte. Não entendi o que fazia aquele bicho ali, sustentado no ar, estático. De repente deu um bote e mergulhou na tundra, rápida e certeira. Saiu voando com um ratinho no bico.

Casei com Kelly três meses depois de minha chegada e engravidei na lua-de-mel. Aidrianna, de 11 anos, filha esquimó de Kelly, veio morar conosco.

Passei a conhecer de perto a cultura esquimó, a participar da rotina da família Edwardsen, a entender o valor cultural da caça, mesmo sendo vegetariana.

James nasceu em 1997 e Juliana em 2000. Carreguei cada um nas costas até os dois anos e meio, dentro do meu casaco, como os esquimós. Colocamos as crianças na escola na turma de imersão em inupiaq, a língua esquimó. James é conhecido pelo nome esquimó Sakiq e Juliana como Amayun. Não há recom-



pensa melhor nesse mundo que ter tempo para acompanhar os filhos em sua descoberta do mundo e, ao mesmo tempo, descobrir uma cultura tão diferente!

O museu inupiaq contratou-me para documentar os caçadores de baleias. Passei a acampar no gelo com os baleeiros! Aprendi a cortar e cozinhar a carne desse animal. A caça da baleia bowhead é a base da cultura desse povo que jamais vende a carne da presa, mas a divide entre todos os que ajudaram na captura, transporte ou corte do animal. A baleia bowhead é a vida deles. É o que mantém a sociedade unida e única.

Quando Juliana completou cinco anos, nos mudamos para o Brasil. Pouco depois, Kelly morreu. Meus filhos e eu voltamos sempre ao Alasca para estar com a família e os amigos. Trabalho com os esquimós e vivo na ponte aérea Rio-Barrow. O povo esquimó é generoso, puro e caloroso. Vou continuar voltando sempre. Há 11 anos tenho uma história de amor com esse lugar.

Luciana Whitaker é fotógrafa e lança neste mês o livro 11 Anos no Alasca, pela Ediouro

Hotéis

Top of the World
1200 Agvik Street
Tel. (00/xx/1/907) 8523900
www.tundratoursinc.com
É o que tem a melhor localização, na praia, de frente para o Oceano Ártico. Diárias a partir de U\$ 90, o casal.

King Eider Inn
1752 Ahkovak Street
Tel. (00/xx/1/907) 8524700
www.kingeider.net
É o mais novo em Barrow; fica perto do aeroporto. Diárias a partir de U\$ 160, o casal.

Restaurante

Arctic Pizza
125 Apayuik Street
Tel. (00/xx/1/907) 8524222
Pizza com vista.

Osaka
980 Stevenson Street
Tel. (00/xx/1/907) 8524100
Comida japonesa. É o melhor de Barrow.

Northern Lights
5122 Herman Street
Tel. (00/xx/1/907) 8523300
Massas, sopas e sorvete.

Pepe's North Of The Border
1204 Agvik Street
Tel. (00/xx/1/907) 8528200
Comida mexicana.

Legenda nonno nonono onon noon onon onon onon nono no